

A especificidade curricular da EJA

Não se pode entrar em uma sala de aula com um programa de curso que não considere a especificidade dos aprendizes. É evidente que não podemos pensar em conteúdos e metodologias propostas para o ensino médio em salas de aula das séries iniciais do ensino fundamental. Do mesmo modo, não podemos desenvolver uma proposta de trabalho para a educação de jovens e adultos sem considerar primeiramente quem são os estudantes.

Uma das principais marcas da Educação de jovens e adultos em todos os lugares é a existência de uma grande diversidade de sujeitos. Vamos encontrar pessoas em uma sala de educação de jovens e adultos com diferentes idades, trajetórias profissionais e experiências pessoais. Além disso, ainda estarão presentes pessoas que por diversas razões foram privadas do direito à educação na sua infância ou adolescência. São pessoas que foram expulsas da escola devido ao preconceito, por possuírem alguma deficiência ou ainda por terem frequentado escolas que não foram capazes de atender às suas necessidades.

Com isso, muitos professores precisam se perguntar como definir propostas de trabalho em sala de aula para conjuntos tão diversos. Deve-se considerar também que jovens e adultos não aprendem do mesmo modo que uma criança e, assim, a escola de EJA deve estar preparada para colocar em prática um currículo específico para as necessidades de aprendizagens de seus sujeitos, tornando-se cada vez mais autônoma dos modelos definidos para crianças e adolescentes.

Ainda com relação à diversidade, vale analisarmos a questão específica da diversidade etária. Na rede municipal de São Paulo, em 2016, por exemplo, a diversidade etária estava presente de diferentes modos, níveis e formas de atendimento.

Mas quando nos referimos às turmas de alfabetização, evidencia-se que 33% tinham 50 anos ou mais e apenas 9% tinham entre 15 e 29 anos, ou seja, existem mais alunos de maior idade nas séries iniciais da EJA e mais alunos jovens nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio.

Os dados indicam a diversidade etária presente até mesmo dentro das diferentes etapas, ampliando ainda mais o desafio de se pensar a EJA como um currículo que precisa considerar a diversidade. Para lidar com essa diversidade, é necessário criar uma escola original, criativa e, principalmente, adequada aos tempos e condições de vida de diferentes jovens e adultos. O material didático, o espaço da sala de aula, a estratégia, as propostas de trabalho, nada deve ser igual ao que se faz com as crianças. Precisamos nos colocar o desafio de criar uma outra escola onde jovens e adultos se sintam protagonistas de sua aprendizagem e não pessoas envergonhadas e culpadas por não terem concluído os estudos na chamada “idade própria”. Não podemos esquecer que estudar é um direito do sujeito em qualquer momento da vida.

No que se refere ao desenvolvimento das propostas de aula, é necessário ter sensibilidade e capacidade de descobrir o que pode fazer sentido para este grupo de sujeitos ou ainda saber como as diferentes trajetórias e experiências de vida desses pode contribuir para que os conhecimentos escolares possam ser desenvolvidos em sala de aula fazendo sentido para todos e todas.

Para tanto, torna-se necessário fazer uma seleção de temas e conceitos a serem trabalhados que, mais uma vez, não segue a mesma trajetória proposta para crianças. Um adulto precisa aprender aquilo que fizer sentido para sua melhor participação na vida social, seja para avançar nos estudos, no trabalho ou nas tarefas da vida social que exigem o uso de uma cultura letrada.

Outro elemento central, mas muitas vezes esquecido, da especificidade da educação de jovens e adultos é a experiência negativa que a escola representa na maioria das trajetórias escolares vividas por esses sujeitos. Grande parte deles foram em algum momento expulsos da escola, seja porque foram reprovados sucessivas vezes, seja para trabalhar, pela gravidez, por preconceito ou pela simples ausência de escola na sua localidade. Sofrem com o estigma de terem abandonado a escola, que aquilo não deu certo para ele. Assim, voltar para a escola quando adulto é ter de reviver

o que já não deu certo, que é uma relação traumática. Dessa forma, quando consegue voltar, logo que alguma dificuldade ocorre, é comum ver estes alunos abandonarem mais uma vez a escola.

Para que isto não ocorra é essencial ter o acolhimento como premissa de uma escola de educação de adultos. Professores e gestores de uma escola de adultos têm que estar preparados para receber alunos diversos e também pessoas para quem a escola foi traumática no passado. Nesse sentido, é preciso pensar em estratégias que devolvam a este sujeito o prazer de aprender, mostrando que ele tem capacidade para seguir adiante.